A Academia Vovó

Edigar de Alencar

O jardim de oliveiras e plátanos pertencentes a Academo, herói lendário da Ática, seria o sítio ideal que Platão escolheria para a fundação de sua escola filosófica, chamada Academia, e o ponto de partida para a disseminação pelo mundo civilizado de instituições várias sob a designação bonita e sonora.

Daí por diante, a denominação expressiva e duplamente ilustre pelo herói e pelo filósofo, haveria de rotular instituições e colégios, agremiações doutas e pomposas, escolas e universidades, grêmios e cenáculos.

À Academia de Platão, a Antiga, sucederia a de Antiochus e Arcesilau, chamada a Nova Academia. E mais tarde surgiriam em França e na Itália diversas instituições artísticas e científicas. Uma das mais famosas, a Academia Francesa, aparecida em 1634, teria o patrocínio prestigioso do Cardeal Richelieu e viria a servir de modêlo às demais.

Bem antes de proclamar sua independência, já o Brasil mostrava o seu tupete, exibindo também, na Bahia, em 1724, a Academia dos Esquecidos, cópia das dezenas de associações congêneres, proliferantes em Portugal. Era o próprio poder público que tomava a iniciativa, através do Vice-Rei Dom Vasco Fernandes de Menezes.



CASA DE TOMÁS POMPEU — em Fortaleza, à Rua 24 de Maio, 436. Nela tem sede a ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, presidida por TOMÁS POMPEU DE SOUSA BRASIL, desde sua fundação, em 1891, até falecer, em 1929. O venerando solar abriga a mais antiga Academia de Letras do Brasil, que vela amorosamente a memória do seu glorioso Patrono.

Organismos inegàvelmente úteis à cultura e à grandeza mental das nações, por que então nunca os pouparam verrinas e sátiras? Qual a razão de tanta mordacidade e até mesmo de ódio que tais instituições inspiram? Se são incontestáveis os serviços que prestam, se bela e edificante é a sua tarefa de cultuar as letras, por que a agressividade malsã?

Sabido que as academias, apesar dos foros de imortalidade que se criaram, são agremiados humanos, não há, de fato, cabimento à interrogativa.

Em primeiro lugar, essas associações têm número restrito de componentes, o que dá sempre motivo ao rancor de adversários magoados pelo olvido a que foram relegados...

— Fulano, um poeta cambeta, imortal! De mim nem se lembraram!

Depois, as academias, não há negar, têm acentuada tendência pelo marasmo e pelo solene, o que lhes imprime certo ar bolorento e cediço. Daí as chufas, a chacota e, naturalmente, as injustiças.

E o certo é que mesmo dentro dos cenáculos, os seus integrantes vivem às turras e se hostilizam bravamente.

Quanto mais importante o sodalício mais inimigos conta. Pode-se mesmo avaliar da pujança de uma academia pelas diátribes que sofre, pelos combatentes que provoca.

Eça de Queirós negava valor às academias e argumentava com a literatura inglêsa, imensa e ilustre, sem elas.

Claro que nenhuma academia fabrica glórias. Nenhum literato aumenta de brilho por se tornar acadêmico. Isso mesmo já asseverava Humberto de Campos, que citava nomes de real evidência e lustro que nunca pertenceram à Academia Brasileira.

Mas nem tudo é hostilidade. São legião os cortejadores das academias. É famoso o epigrama atirado aos detratores da Academia Francesa:

> "'*Quand nous sommes* 40,
> *en se moque de nous.*
> *Sommes-nous* 392
> *On est à nos genoux*".

Lauro Müller, que pertenceu à Academia Brasileira, lhe deu tradução felicíssima:

Se vivos somos quarenta,
alvos somos de ironia,
mas o riso não se aguenta,
ninguém mais nos torce a venta,
se há vaga na Academia...

Na cerimônia da fundação da Academia Brasileira (1897), Joaquim Nabuco definiu o "espírito acadêmico" e, prevenindo mágoas prováveis e acalentando esperanças, afirmou: "Nós somos quarenta, mas não aspiramos a ser os quarenta".

Uma das mais batidas increpações feitas às academias é a da sua estagnação. Articula-se que essas instituições não vibram. Vegetam. São associações mornas, de um conservadorismo que irrita, raiando pelo ranço. Por vêzes a censura é justa. Não é raro vermos grandes nomes das letras se fossilizarem após a consagração da "imortalidade".

Os jovens geralmente não conciliam a vibratilidade de suas emoções e o calor dos seus entusiasmos com o chamado "espírito acadêmico". Mas envelhecem e alguns acabam na Academia...

Omissas de quando em quando, inertes e pouco apressadas, as academias ainda assim são instituições utilíssimas, quase tôdas com acervo brilhante de belos serviços à cultura do povo. Mesmo as de pequeno porte, as que têm vida apagada nas províncias, existindo mais no idealismo crepitante de meia dúzia do que mesmo nos labôres da comunidade.

É hoje raro o Estado que não possui a sua academia.

Agora mesmo me chega às mãos uma síntese histórica da Academia Cearense de Letras, trabalho de infatigável pesquisa e de muita valia de um dos seus membros mais operosos — Manuel Albano Amora.

A Academia Cearense foi fundada em 1894. É, portanto, a mais velha das organizações do gênero em todo o Brasil, precedendo de três anos a Academia Brasileira.

Antes de sua fundação, já aquela província sempre muito

atirada às atividades literárias tivera uma "Academia Francesa", com valorosa equipe de moços como Rocha Lima, que deixou luminoso atestado de cultura num livro notável escrito no verde dos anos. Araripe Júnior, Tomás Pompeu e Capistrano de Abreu.

A Academia Cearense de Letras foi fundada a 15 de agôsto de 1894 e entre os seus componentes estavam Justiniano de Serpa, Farias Brito e o Barão de Studart.

Possui hoje alentada biblioteca e publica anualmente uma "Revista", repositório de trabalhos de importância para a história da vida literária do Estado. Graças aos esforços dos seus últimos dirigentes, entre os quais vale destacar Mário Linhares e Albano Amora, foi realizado admirável trabalho de reconstituição de documentos e fotografias das figuras mais destacadas da intelectualidade cearense. E, embora fundada há 63 anos, a Academia Cearense exibe hoje em suas salas os retratos de todos os seus fundadores.

Entre os méritos dessa academia vovó ressalta o pleiteamento, através de Farias Brito, da criação da Faculdade de Direito do Estado. Por ocasião da inauguração da estátua de José de Alencar, no Rio, a Academia Cearense foi representada por Machado de Assis.

O trabalho de Manuel Albano Amora é um subsidiário valioso que atesta bem o esfôrço dessa academia provinciana, pobre, pobríssima até, mas que continua a honrar o nome ilustre que Platão deu à sua fecunda escola de filosofia.

Que outras províncias lhe sigam a trilha e que outros cenáculos idênticos continuem a defender a pureza do nome, hoje, é certo, um tanto rebaixado. Pois não é que existem academias de box, de jiu-jits, de cangapé, de corte alinhavo, e até o professor de sanfona Mário Mascarenhas rotula a sua escola com o mirabolante título de Academia Brasileria de Arte?...